



O CAMPONÊS

ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

CONQUISTEMOS MELHORES JORNAS NAS MONDAS

Aproximam-se as mondas e os operários agrícolas devem preparar-se para arrancarem melhores condições de trabalho neste período.

O desemprego é um mal que atinge muitos lares. As mondas representam a esperança para muitos trabalhadores, elas vêm numa altura em que milhares de operários agrícolas há meses não encontram colocação e aqueles que a têm em contradio, têm recebido salários de miséria.

O desemprego nos campos é o resultado de as terras pertencerem aos agrários, e estes cada vez mais as deixam em pousio, é o resultado da aplicação capitalista das máquinas. A política de arborização que o fascismo está pondo em prática, leva ainda à redução das áreas de cultivo. As próprias mondas vão sendo feitas quimicamente. Maior desemprego e miséria, é a perspectiva que o salazarismo oferece aos trabalhadores do campo.

Os agrários servem-se do desemprego para forçar os trabalhadores a aceitarem jornadas de miséria. Os trabalhadores devem tirar a lição do que se passou o ano passado. Depois de uma prolongada invernada em que o desemprego alastrou a quase todas as terras, os agrários deixavam as searas estragarem-se com ervas, sem que nos

dessem trabalho.

Nós não podemos aceitar o desemprego de braços cruzados, não podemos consentir que as mondas se façam quimicamente enquanto houver braços parados.

Os agrários desculpam-se com a crise da Lavoura para nos explorarem ainda mais. Não nos deixemos levar por estas manobras, eles são os donos das terras, eles são com o regime que os apoia e serve — o salazarismo — os causadores da miséria do povo.

«O CAMPONÊS» mais uma vez chama os camponeses à luta. Nós pensamos, de acordo com opiniões expressas em reuniões de operários agrícolas, que as condições a exigir nestas mondas, devem ser:

- 1) Jornas mínimas de 35\$00 para os homens e 20\$00 para as mulheres;
- 2) Horário das 8 horas;
- 3) Que não seja utilizada a munda química enquanto houver braços parados.

A conquista destas reivindicações está ao nosso alcance. Os operários agrícolas devem procurar que não se trabalhe seja em que trabalho for por menos da jorna indicada.

É preciso desde já começar a discutir (como se tem feito em algumas terras) as condições a exigir nas mondas.

A unidade e a organização são

OS RENDEIROS DA COMPORTA FORAM DE NOVO ROUBADOS

A Herdade da Comporta (15 mil hectares de terra) pertence ao tubarão Espírito Santo. Milhares de pessoas trabalham para ele, na sua maioria rendeiros, classe que cada vez sente mais apertadas as garras do explorador Espírito Santo.

A maior parte das terras da herdade foram desbravadas e valorizadas pelos trabalhadores que a habitam, porém, o sr. Espírito Santo tem-se aproveitado desta valorização para aumentar as rendas aos rendeiros.

Ainda no Nº 98 de «O CAMPONÊS», de Setembro de 1963, ao falar-se do novo aumento das rendas anunciado para 1964, se dizia que a situação dos rendeiros da Comporta se iria ainda agravar. Passados 5 meses, provou-se que «O CAMPONÊS» não se enganara, novo roubo acabou de sofrer os rendeiros da Comporta.

O sr. Espírito Santo tirou-lhes 500 hectares de terra, para aí plantar choupos, terra que dava centenas de milhares de quilos de arroz. Os rendeiros, privados da terra foram trabalhar para os senhores da Companhia a 18\$00 diários.

Mas as medidas contra os rendeiros não ficaram por aqui. Agora quem quiser construir barracas para viver, terá que as construir nos matagais e pinheirais. Ao lon-

go da estrada pública é que não, «é uma vergonha estar em barracas à beira da estrada», dizem os senhores da herdade.

RENDEIROS DA COMPORTA! O que preocupa os senhores da herdade não é que vocês vivam em barracas, mas sim que quem passa veja as condições miseráveis em que viveis.

A fortuna do sr. Espírito Santo, (das maiores de Portugal) foi feita à custa do suor e da miséria dos trabalhadores e sob a protecção do salazarismo, regime ao serviço dos monopolistas e latifundiários. Enquanto houver agrários, enquanto a terra pertencer àqueles que não a trabalham, os camponeses serão sempre explorados. Só a luta unida e organizada das massas tem sido (e continuará a ser) capaz, de arrancar melhores condições de vida aos exploradores e apressa o fim do regime de opressão.

Unidos e organizados exigí que vos sejam devolvidas as terras que vos pertencem. Segui o exemplo dos rendeiros dos Foros de Almada que em 1957 não deixaram que lhes roubassem as terras que com o seu suor haviam desbravado.

A força dos trabalhadores está na sua sua organização, na unidade e na luta.

UNIDOS VENCEREMOS!

Liberdade Aos Partiotas Presos

A repressão fascista cada vez se faz mais sentir. Ela atinge todas as camadas da população; há regiões do nosso país que vivem em regime de ocupação, com rusgas constantes, identificações, prisões à menor suspeita, etc. Nas cadeias encontram-se centenas de presos sujeitos a toda a espécie de arbitrariedades.

O fascismo criou a prisão perpétua, inventando as célebres «medidas de segurança». Nestas condições encontram-se os patriotas Manuel Rodrigues, Manuel Guedes, Adolfo Assis Ramos e outros.

A luta pela Amnistia tem de continuar. A solidariedade internacional prestada à nossa luta tem uma grande importância, mas só o povo português, através da sua luta activa, poderá arrancar os patriotas das mãos dos fascistas.

A «Protecção» à Velhice

O salazarismo não se cansa de falar na «assistência» e no dinheiro gasto com a «assistência».

Os factos desmentem as atitudes dos fascistas. No Albergue de Portalegre, existiam 4 velhotes de idade avançada. Como já não conseguiram segurar as urinas e portanto precisavam de mudar de roupa várias vezes ao dia, o dirigente do Albergue, «O Calha», PSP reformado, meteu-os numa arrecadação que servia para guardar palha e outras coisas.

Aconteceu que a arrecadação ardeu e os velhotes morreram queimados. Os responsáveis do Albergue dizem que isto aconteceu por ter sido deixada cinza na arrecadação que eles julgavam já não ter lume, porém o povo de Portalegre diz que «O Calha» matou os velhotes.

Nós não estamos em condições de afirmar que «O Calha» matou conscientemente os pobres velhotes, contudo, ele, os dirigentes do Albergue e o fascismo, são os responsáveis directos por estas 4 mortes. Com que direito se meteram os velhotes numa arrecadação que até servia para despejar a cinza?

UM ESCLARECIMENTO

A miséria que lavra por esses campos é tão grande que os próprios fascistas não a podem esconder. No dia 9 de Dezembro, o deputado à «Assembleia Nacional» dr. Pinto Carneiro falou nestes termos aos seus colegas: «A verdade nua e crua é que névoas sombrias pairam sobre a nossa agricultura. O trabalhador rural, depois de sofrer as vicissitudes e as inclemências do calendário agrícola, não auferde da faina do seu trabalho o digno sustento para si e para os seus».

Queixa-se ainda o sr. Deputado de que os preços dos adubos são muito elevados e «que uma boa parte, e por certo a maior parte do preço de venda (dos produtos agrícolas) é arrecadado por intermediários e oportunistas que, à semelhança de cogumelos perniciosos, proliferam na distribuição e circulação da riqueza».

A terminar o dr. Pinto Carneiro acrescentou: «O nosso trabalhador rural, por via de regra, vive em casas sem as mais rudimentares condições sanitárias, desprovidas de água, de luz, sem qualquer espécie de conforto que atenuem os rigores do frio e o varrer desabrigo das ventanias. A sua alimentação é deficiente para o enorme esforço muscular que desenvolve. O seu horário de trabalho vai de Sol a Sol e, não raras vezes, entra pela noite dentro, sob o pálio de ouro do céu estrelado. A previdência e a assistência ou não existem ou são um claro fútil que pouco aquece e reconforta. O trabalhador rural moureja a vida e, na velhice, pede esmola».

Muito bem sr. Deputado! Até aqui está tudo muito bem, gostaríamos no entanto de perguntar. Será que durante todo o seu longo discurso nem uma só vez lhe veio à cabeça o PORQUÊ da miséria dos trabalhadores ru-

rais? Nós não acreditamos em tal situação?

O sr. é um deputado de um parlamento fascista e isto diz tudo. Muitos dos seus colegas, estes mesmos que o escutaram, são grandes latifundiários e portanto indivíduos que exploram as massas dos campos, indivíduos que engordam com a fome dos trabalhadores. O sr. diz que confia no governo, ora é precisamente aqui que o sr. se perde. Então o senhor não sabe que o fascismo se instalou há 37 anos e que nada fez, mais: é o responsável por esta situação?

O sr. queixa-se dos intermediários que proliferam, mas isto é o resultado da organização corporativa. Não sabia? Pergunte aos camponeses o que pensam dos prémios e demais organismos corporativos e ficará a saber da inutilidade de tal regime.

O sr. elogia a Lei de Meios para 1964 e portanto aprova as verbas destinadas às guerras coloniais. Então o senhor não compreende que se Salazar continuar a desbaratar milhões de contos na guerra a vida dos nossos trabalhadores piorará muito!

O governo fascista, governo que o sr. serve, é o governo dos monopolistas e latifundiários. Só os interesses destas forças ele serve. A miséria das massas camponesas, a miséria de todo o nosso povo desaparecerá quando as massas populares enterrarem o salazarismo e aqueles que o sustentam — os monopolistas e agrários. Isto dr. Pinto Carneiro, o que o sr. diria se não fosse um deputado fascista.

Nos muros, nas paredes, nas estadas escreve:

FOAR SALAZAR



AS NOSSAS LUTAS E OS NOSSOS PROBLEMAS

PROMESSAS

Montemor-o-Novo—Um rancho de 50 pessoas, homens e mulheres, que trabalhavam por conta do João Baptista Malta, na ceifa do arroz, conquistaram uma magnífica vitória, provaram uma vez mais que a unidade e a luta são armas poderosas contra os exploradores.

O feitor da herdade, conhecido por «Lila», tentou obrigar os trabalhadores a fazerem 10 horas diárias, porém, eles responderam-lhe energeticamente, abandonando o trabalho e só o recomeçando depois de o patrão lhes ter garantido que o horário seria de 8 horas.

Na semana seguinte, o feitor «Lila» tentou novamente impor o horário de 10 horas, mas de novo os trabalhadores abandonaram o trabalho, mantendo-se assim durante uma semana, só voltando ao trabalho depois de lhes terem garantido que o horário seria de 8 horas e que os iam buscar e levar a casa, de manhã e à tarde, no tractor.

Estói—Na lagar de azeite de Francisco Mendonça, os trabalhadores que ganhavam 30\$00 diários, decidiram reivindicar os 35\$00. Como o patrão se tivesse recusado eles disseram-lhe que ou dava o aumento ou então abandonavam o trabalho o que obrigou o patrão a satisfazer a reivindicação dos trabalhadores.

Castilho—Nos trabalhos da Hidraulica andam trabalhando 44 homens que enviaram ao director dos serviços uma exposição assinada por todos, reivindicando aumento de salários.

— Os trabalhadores que traba-

lhavam por conta do dr. Ferrão a 25\$00 reivindicaram 27\$00, como ele se tivesse recusado a satisfazer a reivindicação, abandonaram o trabalho.

Alicacer-do-Sal—Na Fontinha do Monte, propriedade do agrário Alfredo dos Reis e seu laçao, Duarte Benavente, os trabalhadores são sujeitos a toda a qualidade de maroteiras por parte do feitor Marques. Este canalha, instrumento dos agrários, insulta os trabalhadores, quer que trabalhem até ao limite das suas forças e obriga-os a regar com latas muito grandes.

Trabalhadores da Fontinha! O Marques não passa dum fiel laçao dos exploradores, os agrários. Não deixeis que ele vos insulte. Recusai-vos a regar com as latas que vos têm dado, exigi latas mais pequenas. Se todos unidos se recusarem a satisfazer as exigências do Marques e seus patrões, eles serão obrigados a recuar.

Quarteira—Nesta terra existe a herdade do Morgado, que está alugada a mais de 2 mil rendeiros. Já há anos o dono os quiz expulsar das terras, mas sem êxito.

Agora, o agrário porque quer vender a herdade a capitalistas alemães, procura de novo expulsar os rendeiros. Estes reuniram-se e foram falar com um advogado. O caso vai para tribunal.

Rendeiros da Herdade do Morgado! Não descanseis na acção do advogado e da «justiça». Os tribunais são instrumentos ao serviço do fascismo, regime inimigo dos trabalhadores.

Vós conseguireis manter as terras se vos unirdes e lutardes decididamente pela posse das terras. Concentrai-vos junto das autoridades, da Câmara Municipal, etc, e exigi garantias de que as terras não vos serão roubadas.

Apelai para a solidariedade do povo da região, intrincheirai-vos na herdade e não abandoneis a terra que vos pertence.

Segui o exemplo dos rendeiros de Almada que apoiados pelo povo da região resistiram às autoridades quando em 1957 os quizeram expulsar das suas terras. A sua luta obrigou os agrários a recuarem. Se lutardes unidos e organizados como os rendeiros de Almada, conseguireis manter as terras que vos pertencem.

O DESEMPREGO

Nós os trabalhadores, nós que a única riqueza que possuímos é a nossa força de trabalho, se não trabalhamos não comemos. O trabalho é indispensável à nossa existência.

Milhares de trabalhadores do Alentejo têm passado semanas e semanas sem trabalho, a própria imprensa diária foi obrigada a falar nisso. Os trabalhadores não podem aceitar o desemprego de braços cruzados. Os trabalhadores de Montemor-o-Novo, S. Gristóvão e Escoural, apontam o caminho a seguir. Dezenas de homens têm-se concentrado nas Casas do Povo e forçado os dirigentes a distribuí-los pelas obras das estradas.

Nas terras onde se verifica o desemprego, os trabalhadores, acompanhados das mulheres e filhos devem concentrar-se junto das Casas do Povo, das autoridades e exigir trabalho; que as terras em pousio sejam entregues aos trabalhadores.

Todos os anos, os fascistas não se fartam de fazer promessas, acerca dos melhoramentos a introduzir no país. É caso para dizer: «se as promessas salazaristas fossem dinheiro, há muito que todo o nosso povo estava rico».

No dia 16 de Outubro, o sr. ministro da economia, anunciou, através dos órgãos de informação, «grandes medidas» de valorização económico-social, para as províncias do Alentejo e Algarve. E, como o sr. ministro não é nada modesto, acrescentou logo que, em breve, anunciará mais medidas complementares.

Para que o povo acreditasse que desta vez não se tratava de simples promessas, disse: «neste ministério não é hábito anunciar o que se não pode realizar». Ele lá sabe porque sentiu necessidade de fazer esta afirmação!

Há muito que os fascistas falam da valorização do Alentejo, do Plano de Rega, etc, mas o povo ainda nada viu e a crise da agricultura acentua-se cada vez mais.

Os melhoramentos de que falam não são para valorizar as terras dos pequenos e médios camponeses, mas sim as dos grandes agrários, que possuem milhares de hectares de terra.

O que os camponeses do Alentejo e Algarve (assim como os outros) precisam não é de promessas, mas sim de uma Reforma Agrária que exproprie os latifundiários, que entregue a terra a quem a trabalha e liberte os camponeses das dívidas e da ganância dos monopólios.

Estas medidas não as anunciará nunca o ministro salazarista, porque o governo fascista serve os interesses dos monopolistas e latifundiários. Só um governo verdadeiramente democrático realizará a Reforma Agrária. E pela instauração deste governo que nós temos que intensificar a nossa luta.

O SALAZARISMO É O GOVERNO DOS MONOPÓLIOS E LATIFUNDIÁRIOS

Tirando os agrários que cada vez aumentam mais as suas riquezas, os pequenos e médios agricultores vão sendo estrangulados numa cadência sempre crescente. Por todo o lado se ouvem clamores — «a lavoura está em crise»; «o rendeiro tal abandonou a terra», etc. Mas afinal quem é que está em crise? Será o sr. Samuel Santos Jorge com os seus 28 mil hectares de terra? Será o banqueiro Espírito Santo que só na herdade da Comporta possui 15 mil hectares de terra? Serão outros latifundiários? Não, são os trabalhadores com salários de miséria, são os pequenos e médios lavradores, são os rendeiros e seareiros, etc, que se encontram submetidos à voragem dos grémios, da CUF e dos senhores da terra.

Poderíamos dar muitos exemplos das dificuldades que estas camadas atravessam, mas, vejamos o que nos disse um RENDEIRO do Baixo Alentejo.

— Então tio Chico, como vai a agricultura?

— Ó rapaz, ainda não tinha visto agricultura tão morta como estou vendo. Já tenho dito a muita gente, que nós, os pequenos rendeiros e proprietários, mais ano menos ano, estamos todos caídos, sem dinheiro e sem fazendas, porque as despesas são muitas e o Estado lança-nos contribuições de toda a espécie, levando-nos a maior parte dos nossos lucros. — E também os senhores da terra, dizemos nós.

— Mas não estarão os trabalhadores a ganhar muito?

— Para te dizer a verdade, não são os trabalhadores que nos levam os nossos lucros, porque eles mal ganham para comer; se pagam ao comerciante, ficam a dever ao padeiro, ora como vês não são os trabalhadores que ganham muito.

— Pois é, tio Chico, o Estado é que devia reparar para esta criti-

ca situação em que o povo se encontra.

— O Estado? O Estado só repara para a situação dos grandes capitalistas, que nunca lhes falta nada. Então tu não vês o Dr. Ferrão que têm aí meio mundo e deixa metade por cultivar e a parte que semeia ainda a deixa estragar, por não querer dar que fazer aos trabalhadores!

— E você tio Chico, acha isso justo?

— Sabes o que achava justo? Era que todos tivéssemos pão e trabalho, e não uns terem tudo e outros nada. Vou experimentar mais um ano, se obtiver os mesmos resultados, entrego as terras aos donos.

O tio Chico e muitos outros tios Chicos de Portugal, continuam a tentar a sua sorte e a entregar a terra (depois de tantas canseiras e privações) aos seus donos, porém, o problema não está em entregar a terra aos seus donos, ou seja, àqueles que nada fazem. A solução da miséria dos camponeses está precisamente no contrário, ou seja, está na realização duma REFORMA AGRÁRIA que exproprie a terra àqueles que têm muita e nada fazem e a entregue aos que a trabalham. Mais um caso tio Chico. A Reforma Agrária só será realizada por um governo democrático que destrua o poder dos monopólios e latifundiários, que liberte a agricultura da dependência do imperialismo. Este governo só será instaurado pela luta do nosso povo. Quanto mais unido este estiver, quanto mais decidida for a sua luta, tanto mais depressa acabaremos com a miséria.

SAUDAÇÃO

No início do ano de 1964, «O CAMPO» sauda todos os seus amigos e leitores, sauda todos os camponeses do SUL.

« AJUDA » À LAVOURA

Os fascistas falam muito no auxílio concedido à lavoura. No sentido de esclarecer este problema, «O CAMPO» pediu a uma série de pequenos e médios agricultores que nos falassem do que tem sido a ajuda salazarista. Publicamos hoje o que nos disse um pequeno agricultor do Baixo Alentejo.

« Os empréstimos que o Estado tem concedido à Lavoura para a Campanha do Trigo — Decreto 31507 de 15/9/51, — não são em função de sacos de trigo de sementeira, mas sim em função de hectares semeados.

Os emprést. mos concedidos por cada hectar de sementeira para a monda e ceifa foram respectivamente de 400\$00 e 100\$00 nos anos de 1941 e 1942; 550\$00 e 200\$00 nos anos de 1943 a 1948; 800\$00 e 400\$00 nos anos de 1959 e 1960; 700\$00 e 500\$00 nos anos de 1961 e 1962 e 550\$00 e 250\$00 em 1963. (Quer dizer à medida que a crise aumenta, o salazarismo diminui o auxílio à Lavoura).

« Os maus anos agrícolas, a instabilidade das colheitas, a não fixação dos preços dos produtos: aveia, fava, centeio, grão, etc, tem criado à Lavoura, a angustiosa situação em que neste momento se encontra, a ponto de, em todas as regiões do Baixo e Alto Alentejo, metade dos produtores ou talvez ainda mais não poderem regularizar os débitos vencidos e portanto não semearem este ano.

O Estado não vai ter a infeliz ideia de os mandar todos para Tribunal com execuções.

Os camponeses e muitos produtores quer erem

vender bocados de terra para solver compromissos e ninguém os compra, mesmo a preços irrisórios.

Os grémios da Lavoura só vendem adubos a pronto. Quem não pagou o adubo do ano anterior, não levanta uma saca. Resultado: muitos rendeiros estão a semear sem adubo, o que é catastrófico. Se não semeiam ou se semeiam em péssimas condições como regularizam os débitos deste ano e nos anos seguintes? Panorama de 37 anos corporativos...

Eis em síntese a situação actual porque está passando uma das maiores actividades do nosso país...

Estas informações sobre a Pequena Lavoura no Baixo Alentejo ainda que simples são bastante elucidativas sobre a grave crise que a Lavoura atravessa.

Oiça A Rádio

RÁDIO PORTUGAL LIVRE, emissora Portuguesa ao serviço do Povo, da Democracia e da Independência Nacional, transmite diariamente das 19 às 19,30 e das 21,15 às 21,45 em 32 metros e das 23,30 às 23,50 em 36,40 e 42 metros.

Aos domingos RÁDIO PORTUGAL LIVRE transmite uma emissão especial das 12 às 12,30 nas ondas de 19,20,25 e 26 metros, inteiramente dedicada aos trabalhadores do campo.

Esta emissão é uma poderosa ajuda à luta de todos os que trabalham a terra.